

O campo religioso em Belém do Pará: Reflexões sobre o evento fundador da Igreja Assembléia de Deus no Brasil

MAXWELL PINHEIRO FAJARDO¹

Resumo

Neste artigo pretendemos estudar o evento fundador da igreja Assembléia de Deus no Brasil a partir das teorias de Weber e Bourdieu sobre as relações de poder estabelecidas entre os agentes do campo religioso.

A Igreja Assembléia de Deus, a maior denominação protestante do país e o segundo maior grupo religioso do Brasil completou no mês de junho de 2011 o seu primeiro centenário. Sua fundação aconteceu a partir de uma cisão no interior da Primeira Igreja Batista de Belém do Pará. O atrito culminaria na exclusão de um grupo de 18 pessoas do rol de membros que em seguida criariam uma nova igreja – A Missão da Fé Apostólica - posteriormente chamada de Assembléia de Deus.

O objetivo deste trabalho será utilizar o modelo weberiano para uma análise compreensiva das relações de poder presentes na Igreja Batista de Belém no episódio da cisão. Também observaremos como a nova igreja nascida a partir de então desenvolveu suas próprias relações de poder no decorrer de seus primeiros anos.

Palavras-chaves

Assembléia de Deus – Poder religioso – Campo religioso - Max Weber – Pierre Bourdieu

The religious field of Belém do Pará: Reflections on the event founder of Church Assembly of God in Brazil.

Abstract

In this article we will study the founding event of the Assembly of God Church in Brazil from the theories of Weber and Bourdieu on the power relations between actors in the religious field.

The Assembly of God Church, the largest Protestant denomination in the country and the second largest religious group in Brazil, completed its first centenary in 2011. His foundation came from a split inside the First Baptist Church of Belem do Para. Friction culminate in excluding a group of 18 people from church members who then would create a new church - the Apostolic Faith Mission - later named Assembly of God.

¹ Doutorando em História pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo. Bacharel e licenciado em História. Contatos: max.fajardo@yahoo.com.br

This study will use the Weberian model to a comprehensive analysis of power relations present in the Baptist Church of Bethlehem in the episode of the division. Also look at how the new church born since then developed its own relationships of power during its early years.

Keywords

Assembly of God - religious power - religious field - Max Weber - Pierre Bourdieu

Introdução

As teorias do sociólogo alemão Max Weber são de extrema importância para o estudo da religião. Weber, que a princípio não tinha sua preocupação voltada especificamente para questões de ordem religiosa, percebeu a importância do tema ao observar a crença de bem sucedidos empresários alemães calvinistas de sua época, o que o levou a pesquisar mais de perto a relação entre crença religiosa e economia, lhe rendendo a famosa obra “*A ética protestante e o espírito do capitalismo*” (Weber, 2004a). A partir de então, Weber se debruçou com afinco sobre o estudo sociológico da religião, o que o transformou em uma das grandes referências no assunto.

Um dos temas discutidos por Weber em sua obra *Economia e Sociedade* (Weber, 2004b) diz respeito à “sociologia da dominação”. Para Weber, o estudo sociológico da religião deve se fundamentar basicamente na análise do poder religioso. Embora sua obra não contemple apenas a análise da dominação religiosa, este tema ocupa lugar de destaque em seu pensamento.

Para Weber, a dominação pode assumir três formas específicas. A primeira delas é a dominação racional onde a legitimidade do detentor do poder repousa sobre as regras e leis previamente estabelecidas. Desta forma, a burocracia é fundamental nesta forma de dominação. Um segundo tipo é a dominação tradicional, onde a legitimidade do poder se apóia na sacralidade ou tradição. Já a dominação carismática se baseia em uma nova revelação aliada a um dom carismático de uma pessoa que passa a servir de exemplo e referência para a comunidade dos leigos. Estas formas de dominação também podem estar combinadas em determinados contextos, como é o caso da religião, onde os poderes tradicionais e carismáticos podem fundir-se. Cabe ressaltar que as forças da tradição e do carisma são muito maiores que a da burocracia, como será observado a seguir.

O conceito de carisma Weber empresta do Cristianismo primitivo lhe acrescentando uma nova conotação:

O carisma pode ser – só nesse caso merece tal nome com pleno sentido – um Dom que o objeto ou a pessoa possui por natureza e que não se pode alcançar com nada. Ou que pode e deve criar-se artificialmente na pessoa ou no objeto, recorrendo a um meio extraordinário qualquer” (Weber, 2004b, p. 328).

Assim, fazendo uso de uma atuação extraordinária, o detentor do carisma consegue socialmente legitimar o seu poder e ser reconhecido. Diferentemente da autoridade burocraticamente estabelecida, o líder carismático não depende das regras instituídas, seu caráter é contestador, pois propõe uma nova ordem revolucionária.

Weber aponta três agentes fundamentais presentes na disputa pelo poder religioso, poder que Bourdieu define como “*o monopólio do exercício legítimo do poder de modificar em bases duradouras e em profundidade a prática e a visão do mundo dos leigos*” (Bourdieu, 2003, p. 88). O primeiro agente é o *sacerdote*, aquele que detém o poder burocraticamente estabelecido, nas “religiões do livro” ele é o funcionário que detém o saber e é responsável pela correta interpretação das doutrinas e pela administração da congregação. Seu poder deriva da forma de dominação racional e da tradicional. O *profeta* e o *mag*o (ou *feiticeiro*) fazem uso do poder carismático para legitimarem seu poder. O *mag*o é aquele que procura manusear as forças do sagrado através da coerção do divino, desta forma, seus seguidores são clientes, que buscam seus serviços de manipulação das forças espirituais. O *profeta* é o elemento contestador da ordem estabelecida. Por meio do carisma apoiado em prodígios forma uma comunidade de seguidores. O profeta não tem necessidade de um saber técnico da forma como acontece com o sacerdote, já que sua função é objetar tal saber.

Bourdieu faz uma leitura de Weber a partir da ótica do *interacionismo simbólico*, onde as interações dos agentes sociais são o foco de análise e a preocupação com o lugar que cada agente ocupa no *campo religioso* é fundamental para que se possam entender as relações objetivas entre eles. Bourdieu aplica aos conceitos e aos tipos-ideiais de Weber a noção de *campo*, o que facilitará a compreensão da ação social destes agentes na luta pelo poder religioso. Desta forma, Bourdieu procura explicitar o papel desenvolvido pelos agentes apontados por Weber. O campo é o ambiente onde os agentes travarão uma “batalha concorrencial em torno de interesses específicos”. No caso do campo religioso, o mago, o sacerdote e o profeta travarão uma batalha pela conquista da legitimidade pelos leigos. A acumulação de capital simbólico é fundamental para determinar a eficácia de cada um destes agentes na perseguição de seus objetivos.

Agora voltemos à idéia original de Weber. Para o sociólogo alemão, o profeta ao conseguir alcançar sua legitimidade enfrenta um problema. É difícil manter um poder

que tem como base o extraordinário quando os dominados se colocam diante da vida cotidiana. Quando o carisma enfrenta a vida cotidiana, tende a se rotinizar, fazendo com que o profeta, até então contestador da ordem estabelecida, crie uma nova ordem para que o poder continue a se legitimar. Esta questão se apresenta, por exemplo, no problema da sucessão do líder carismático. Na impossibilidade de uma nova manifestação carismática, acaba se criando um novo critério baseado em regras racionalmente definidas ou tradicionalmente estabelecidas, o que acaba por transformar a autoridade carismática. Assim, embora o carisma seja mais forte que a dominação racional, esta tem um caráter mais duradouro e cotidiano. Desta forma, o sacerdote de hoje, pode muito bem ter sido o profeta de ontem. O profeta de hoje pode se tornar o sacerdote de amanhã e assim ser contestado por um novo profeta.

Síntese histórica da Assembléia de Deus

A Igreja Assembléia de Deus é a maior denominação protestante do país, com mais de oito milhões de adeptosⁱⁱ, estando às vésperas de completar seu primeiro centenário de fundação. É também o segundo grupo pentecostal a surgir em solo brasileiroⁱⁱⁱ. A Igreja foi fundada por dois missionários suecos: Daniel Gustav Hogberg (Daniel Berg) e Adolph Gunnar Vingren.

Ambos os missionários eram de procedência batista. Embora fossem suecos, se conheceram em uma conferência pentecostal em Chicago (EUA) em 1909. Havia migrado para lá alguns anos antes, em consequência da crise sueca e da “febre pelos Estados Unidos” do início do século XX. Em Chicago tomaram contato com o pentecostalismo^{iv}, movimento religioso em expansão no início do século XX, cuja principal ênfase estava no *batismo com o Espírito Santo*, experiência caracterizada pelo falar em línguas estranhas (fenômeno da glossolalia). O pentecostalismo também enfatiza a cura divina e a mensagem escatológica.

No período em que esteve nos EUA, Vingren se formou no Seminário Batista Sueco, pregou em várias cidades e chegou a pastorear duas igrejas. Apesar de ser pastor batista, participava de várias reuniões em igrejas pentecostais, sendo batizado com o Espírito Santo em 1909. Foi então que Vingren experimentou o seu primeiro conflito no campo religioso envolvendo a doutrina pentecostal:

Quando voltei para minha igreja em Menomine, Michigan comecei a pregar a verdade que Jesus batiza com o Espírito Santo e com fogo. O resultado é que tive de deixar a igreja, que ficou dividida, pois metade creu nesta verdade e a outra metade se endureceu. Os que não creram me obrigaram a deixar o pastorado. Fui então para uma igreja em South Bend, Indiana. Todos ali receberam a verdade e creram nela (Vingren, 2007, pp. 25-26).

Vingren informa ter recebido a chamada divina para o campo missionário em 1910 em uma reunião de oração na casa de Adolfo Uldine. Segundo o relato de Vingren e de Berg em suas biografias, foi nesta ocasião em que foram divinamente orientados a embarcarem para o Pará (local até então desconhecido por ambos, o que os obrigou a pesquisarem em uma biblioteca em que lugar do mundo estava o Pará). A viagem aconteceu em novembro de 1910 e não contou com o apoio financeiro ou institucional da igreja estadunidense.

Os missionários chegaram à Belém sem conhecimento da língua portuguesa e com pouco dinheiro. Após dois dias pernoitando em um hotel, conhecem o pastor metodista (e estadunidense) Justus Nelson que os conduz à Igreja Batista da cidade, onde conseguem moradia.

A Igreja Batista de Belém do Pará fora fundada em 1897 pelo missionário Erik Nilsson (Eurico Nelson), também sueco, que também plantou diversas outras igrejas no interior da Amazônia. Na época da chegada dos suecos, Nelson exercia atividades missionárias pela Amazônia (Leonard, 1963, p. 319). Segundo o site oficial da igreja Batista de Belém, durante o período de novembro de 1910 até junho de 1911 a igreja passou por “rápidas direções” do Pr. Jerônimo Teixeira de Souza e diáconos José Batista de Carvalho e José Plácido Costa^v, embora Vingren cite a presença de Eurico Nelson em algumas reuniões da igreja (Vingren, 2007, p. 39). Desta forma, uma das dificuldades enfrentadas pela igreja era a necessidade de obreiros. A chegada de Vingren e Berg foi vista com grande entusiasmo. Em pouco tempo, Vingren já era convidado a dirigir cultos de oração. Os missionários passaram a se abrigar no porão da igreja, onde pagavam a quantia de dois dólares diários pela hospedagem. Berg conseguiu emprego em uma fundição, enquanto Vingren estudava o idioma português. A noite este repassava a Berg o que aprendera.

Em poucos meses, após um período de viagem ao povoado de Boca do IPIXUNA, a convite de Adriano Nobre (Araújo, 2007, p.35), os missionários retornam a Belém. A mensagem pentecostal se apresentaria de forma clara nos discursos dos missionários à igreja:

em nenhuma ocasião em que foi nos foi permitido falar à igreja, nós escondemos a chama pentecostal que Deus havia acendido em nossos corações. Testificamos também para o missionário batista, tanto sobre o batismo com o Espírito Santo, como sobre a cura divina. Esse missionário era sueco, mas havia sido enviado dos Estados Unidos para o Brasil. O seu nome era Erik Nilsson. No início ele nos ouviu silenciosamente. Mas em outra oportunidade disse-nos que deveríamos deixar de fora da nossa mensagem aquele versículo que fala de Jesus batizar com o Espírito Santo, “pois propaga divisões”, argumentou ele. (Vingren, 2007, p. 39)

O pastor estava certo, pois a divisão não tardaria em acontecer. Após os cultos alguns membros da igreja procuravam a Berg e a Vingren no quarto em que dormiam e pediam-lhes orações. Acontecia sempre um novo culto no aposento dos missionários. Berg aponta que foi em uma destas reuniões que o cisma aconteceu, quando “o pastor”^{vi} repentinamente se apresentou e exigiu um posicionamento dos membros sobre o movimento (Berg, 2000, p. 54), o que culminaria na exclusão de 18 pessoas. Já Vingren indica como 13 de junho de 1911 o dia em que aconteceu a reunião oficial, presidida pelo evangelista que não “*permitted nem que o pastor falasse*”, (Vingren, op. cit., p.41)^{vii}, nesta reunião a exclusão do grupo foi oficializada. Conde^{viii} (2008, p. 30) aponta a data da reunião como 12 de junho, embora a ata da Igreja Batista de Belém confirme a data apontada por Vingren (Araújo, 2007, p. 39). É possível que a reunião oficial tenha sido precedida por outros embates, como o citado por Berg.

De qualquer forma, a partir de 13 de junho de 1911, o grupo pentecostal era desligado oficialmente da Primeira Igreja Batista de Belém e cinco dias depois passa a se reunir na residência de Celina Albuquerque, onde, segundo Almeida (apud Araújo, 2007, p. 40), funcionava a congregação batista de Cidade Velha^{ix}. Dali nasceria a primeira *Missão da Fé Apostólica* no Brasil, posteriormente chamada de Assembléia de Deus.

Em 1914, Berg viajou para a Suécia e firmou um acordo com seu amigo de infância Lewi Petrus, pastor da Igreja Filadélfia de Estocolmo^x. A partir daquele ano, Berg e Vingren passaram a estar inscritos no rol de missionários desta igreja (Araújo, p. 39), que a partir de 1916 enviou outros missionários para o Brasil, sendo o primeiro deles Samuel Nyström, futuro sucessor de Vingren na direção da igreja em Belém.

A atuação dos missionários suecos marcou o período de crescimento da Assembléia de Deus no Norte e Nordeste do país e a formação dos primeiros pastores brasileiros. O fim do ciclo da borracha no Pará e conseqüente retorno dos migrantes seringueiros para suas regiões de origem permitiu que a igreja se espalhasse por novos estados da federação (Alencar, 2000). Em 1914 a igreja já estava presente em três estados do nordeste e em 1923 chegaria ao sudeste do país.

Uma data importante no processo de institucionalização da Assembléia de Deus acontece em 1930 quando é criada a *Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil* (CGADB), por iniciativa dos pastores brasileiros. A primeira assembléia geral acontece em Natal, RN, onde fica decidido que os pastores brasileiros ficariam responsáveis pelas igrejas do norte e nordeste, enquanto os missionários estrangeiros se responsabilizariam por novas igrejas a serem abertas no sul e sudeste brasileiros.

O campo religioso em Belém do Pará

Em 1911 a Primeira Igreja Batista do Pará era uma denominação estabelecida há pelo menos 14 anos na cidade de Belém (d'Avila, 2006, p.91) e organizada no sistema congregacional de governo, habitualmente seguido pelas igrejas batistas. Neste sistema, considera-se a autonomia de cada igreja local e a assembléia dos membros adquire fundamental importância nas decisões (Berkhof, 2001, p. 542). Tal assembléia é conduzida pelo pastor local, que, desta forma, tem sua função legitimada racionalmente através da organização burocrática. O poder do pastor não está em seu carisma, mas na função da qual foi investido, o de presidente da assembléia local. Cabe ao pastor interpretar corretamente o texto bíblico à sua congregação. Desta forma podemos relacionar a função do pastor batista, ao tipo-ideal do sacerdote proposto por Weber.

É importante ressaltar aqui que os tipos-ideais nem sempre corresponderão em todos os detalhes aos personagens reais analisados. O tipo-ideal, embora herde suas características da realidade historicamente verificada pode se aproximar da ação real em maior ou menor intensidade.

não podem considerar-se, em modo algum, como uma classificação exaustiva, mas como puros tipos conceituais, construídos visando a pesquisa sociológica, a respeito dos quais a ação real se aproxima, ou, o que é mais freqüente, de cuja mistura se compõe. Só os resultados que dela se obtenham podem dar-nos a medida de sua conveniência. (Weber, 2004b, p. 21).

Assim, podemos abstrair dos tipos-ideais de sacerdote, mago e profeta várias características que poderão ser observadas nos personagens envolvidos no cisma da Primeira Igreja Batista do Pará em maior ou menor intensidade.

Em 1911, a igreja passava por grande instabilidade por uma troca sucessiva de pastores em curto período de tempo. Conde (op. cit.) aponta que Vingren e Berg foram recepcionados pelo Pr. Jerônimo Teixeira de Souza quando chegaram à igreja. Vingren cita um diálogo que teve com Erik Nilsson (indicado como pastor da igreja) no período anterior ao cisma. No entanto, no dia do cisma a igreja estava sem pastor já que Nilsson encontrava-se em uma de suas viagens evangelísticas pelo interior da Amazônia (d'Avila, 2006, p. 37), e cabia ao moderador José Plácido da Costa a responsabilidade pelo grupo. Logo, em um curto período de tempo, três pessoas diferentes aparecem na direção da congregação, o que chega a trazer certa confusão

ao se pesquisar a igreja neste período, já que os relatos muitas vezes não apresentam o nome do pastor a que estão se referindo^{xi}.

Na linguagem weberiana, havia uma instabilidade na ordem sacerdotal instituída, o que ofereceria condições favoráveis ao surgimento de uma liderança carismática. Vingren nos informa que *“os batistas esperavam que quando eu aprendesse o português, me tornasse o pastor deles”* (Vingren, 2007, p. 39). Desta forma, havia esperança em uma mudança pelo caminho institucional, em que Vingren poderia representar a estabilidade esperada.

Cabe aqui uma palavra sobre a preponderância de Vingren sobre Berg. Esta pode ser explicada sob vários aspectos. Vingren já obtivera experiência anterior como pastor nos Estados Unidos e desde o início da viagem ao Brasil percebe-se sua liderança em relação às decisões tomadas entre os dois. Quando começaram a aprender a língua portuguesa, Berg trabalhava em uma fundição para pagar o valor das aulas enquanto Vingren estudava. À noite, este repassava a Berg o que havia aprendido. Assim, é provável que Vingren tenha adquirido fluência na língua com maior rapidez que Berg^{xiii}. Na maioria dos relatos, mesmo após a organização da Assembléia de Deus, Vingren é visto como o pastor e Berg como o evangelista de colportagem, ou, no dizer de Freston, *“os dois se complementavam: Berg, o robusto operário qualificado que fazia longas viagens pelo interior; Vingren, o “intelectual proletaróide” na tradição judaico-puritana.”* (Freston, 1994, p. 79). Embora ambos fossem procurados e responsabilizados pelas orações e curas divinas, Vingren sempre aparece como o orador. No episódio do cisma, foi Vingren que falou em seu nome e de Berg.

A liderança carismática dos missionários suecos foi confirmada por atos extracotidianos. Em seus relatos, Vingren e Berg falam de curas miraculosas e do fenômeno da glossolalia. Conde também faz questão de reafirmar tais episódios como fonte de atritos entre o grupo pentecostal e os demais membros da igreja. O dom carismático permitiu que a congregação batista se colocasse diante de uma nova verdade que se chocaria com a mensagem defendida pelo corpo sacerdotal. O ápice do confronto acontece quando duas mulheres são batizadas com o Espírito Santo: Celina Albuquerque e Maria Nazaré, que passaram a falar em línguas e profetizar.

Weber entende que os leigos são o pólo de tensão entre profetas e sacerdotes. Desta forma, a dominação não acontece de forma automática, pois os leigos procurarão submeter-se àquele que ofereça maiores benefícios para o grupo (Bourdieu, op. cit.). Foi o que aconteceu na Igreja Batista, já que, na ausência do pastor, o corpo de diáconos convidou Vingren a dirigir cultos de oração.

Li alguns versículos no Novo Testamento que falam sobre o batismo com o Espírito Santo, e disse algumas palavras. Durante todo o tempo, os diáconos mantiveram

suas Bíblias abertas para conferir se eu estava lendo e interpretando corretamente. Parece que ficaram satisfeitos com o que eu disse (Vingren, p.40)

O corpo de diáconos mostra-se preocupado com a correta interpretação das Escrituras (responsabilidade do corpo sacerdotal), ao mesmo tempo em que nutre simpatia com uma mensagem que de certa forma rompe com a ortodoxia estabelecida.

Embora a igreja estivesse sem pastor e o moderador se mostrasse simpático à mensagem pentecostal, surge um personagem preocupado em ocupar o vazio deixado pelo poder sacerdotal. Este personagem é Raimundo Nobre, evangelista da igreja e que em alguns relatos é apresentado como *pastor*, embora não fosse o responsável oficial pela igreja. Nobre foi quem convocou a reunião extraordinária que trataria do caso dos “missionários pentecostais” e que por fim propôs sua exclusão (Conde, 2008, p. 32). Em sua fala Nobre demonstra sua preocupação com a preservação da doutrina e sua responsabilidade perante a instituição:

Seria absurdo – disse ele – que pessoas educadas em nossos dias pensassem que tais coisas [batismo com o Espírito Santo e curas divinas] ainda possam acontecer. Hoje, temos que ser realistas, e não ocupar o tempo com sonhos e falsas profecias. Hoje temos a sabedoria para ser usada. Se vocês não se corrigirem e não reconhecerem que estão errados, é meu dever comunicar a todas as igrejas batistas o que está acontecendo, para que se previnam contra suas falsas doutrinas (Berg, 2000, p. 55)

Bourdieu afirma que “*a ortodoxia tem necessidade da heresia porque sua oposição implica o reconhecimento dos interesses que estão em jogo*” (Bourdieu, op cit). Percebe-se claramente que Nobre estabelece em sua fala uma distinção entre ortodoxia e heresia, o que reafirma os interesses da classe sacerdotal por ele representada em contraposição aos interesses de Vingren e Berg. O evangelista fez questão de definir quais eram os limites que a instituição estabelecia entre ortodoxia e heresia. Na ata da reunião de exclusão a diferenciação é ainda mais acentuada:

Em seguida o irmão secretário pediu a palavra verberando contra o procedimento dos irmãos solidários com os missionários pentecostais, que após o culto desapareceram do templo fugindo para um lugar ignorado, deixando de dar apoio a seus partidários. O irmão Antunes pediu a todos os que aderiram ao movimento pentecostal que se manifestassem para a Igreja excluí-los por incompatibilidade doutrinária. Levantaram-se 13 pessoas: José Plácido da Costa, que ocupara o cargo de moderador até aquela sessão; Manoel Maria Rodrigues, ex-secretário, José Batista de Carvalho, ex-tesoureiro; Antonio Mendes Garcia, todos estes diáconos: Lourenço Domingos, João Domingos, Maria dos Prazeres Costa, Maria Pinto de Carvalho, Alberta Ribeiro Garcia, Manoel Rodrigues Dias, Gerusa Rodrigues. O irmão secretário depois de anotar esses nomes, deixou para o fim os nomes das irmãs Celina Cardoso de Albuquerque e Maria de Jesus Nazaré, que ao mencioná-

los fez com este aditivo: “as profetizas” e os chefes da seita, Gunnar Vingren e Daniel de tal que não compareceram à seção (d’Ávila, 2006, p.36)

O poder sacerdotal, neste momento representado por Raimundo Nobre e pelo secretário da seção faz questão de definir o grupo dissidente como *seita*, o que segundo Bourdieu, serve para reafirmar o poder do grupo instituído, a “*igreja*”. Almeida, historiador batista, comenta que o secretário da reunião extraordinária chegou a se referir aos excluídos de “seguidores do espiritismo” (apud Araújo, 2007, p. 39). Na terminologia weberiana, uma forma irônica de associar a ação do profeta à magia.

A princípio, o profetismo dos missionários não propunha uma ruptura com os dogmas essenciais da igreja batista. Pregavam uma nova experiência bastante difundida nos Estados Unidos. Neste sentido, a mensagem era nova no contexto de Belém do Pará. O confronto com a liderança seria uma consequência posterior de sua mensagem. Logo, sua contestação *profética* não foi planejada. A conciliação com o *sacerdócio* foi buscada até o último instante. Na reunião de exclusão do grupo pentecostal, Vingren declarou à Raimundo Nobre:

Caro irmão, não devemos permitir que assuntos tão importantes se transformem em discussão pessoal. Somos servos de Deus, e desejamos, por isso, estar na verdade pois aquele a quem nós pregamos é a Verdade. Na minha opinião, somos colegas, e não concorrentes. Saber-se quem leva as almas a Deus é coisa secundária. O que importa é que o número de almas salvas aumente cada vez mais. Não direi que o irmão não esteja na verdade, mas afirmo que não achou toda a verdade. A verdade do batismo com o Espírito Santo e da cura divina que Jesus pode realizar em nossos dias (Idem).

Porém, após o cisma, o discurso de Vingren assume tons mais ásperos e o pastor Erik Nilsson passa a ser visto como um inimigo.

No princípio pensávamos que estivéssemos tratando com um verdadeiro cristão, mas depois agradecemos a Deus por Ele nos ter livrado das garras daquele homem. O inimigo havia preparado uma cilada muito astuta para nos desviar da vontade de Deus, e dessa maneira, desfazer completamente o plano do Senhor para a obra pentecostal no Brasil por nosso intermédio (Vingren, 2007, p.39).

A nova posição de Vingren reflete a oposição criada entre profeta e sacerdote e que criaram um novo problema para o grupo dissidente, como veremos na próxima parte do texto.

A rotinização do carisma na Assembléia de Deus

- E agora, irmão Daniel? – disse Vingren – não temos onde morar, não temos nem um local para receber os irmãos.
- Não se perturbe, meu irmão – respondi -, pois Jesus tomará conta de nós, como tem tomado até aqui (Berg, p.57)

Com este diálogo, Berg e Vingren se colocam diante de uma nova dificuldade. Suas atuações proféticas geraram uma comunidade que precisava ser organizada. Em cinco dias, o grupo de dissidentes foi acomodado na casa de Celina de Albuquerque, a primeira pessoa a ser batizada com o Espírito Santo no norte do país^{xiii}.

O processo de institucionalização do novo grupo seguiu uma tradição batista já absorvida tanto pelos missionários como pelos leigos, todos eles de origem batista. Desta forma podemos perceber de imediato que a forma de dominação carismática acaba se mesclando com a dominação tradicional, já que o novo grupo organizado continua seguindo a tradição batista, efetuando batismos e reuniões nos moldes do antigo grupo. De imediato, Vingren assume a direção do grupo, ao que tudo indica por demonstrar maior habilidade com a retórica que Berg. O nome adotado segue a tradição pentecostal estadunidense, já que é o mesmo nome utilizado pelo movimento pentecostal nos EUA: *Missão da Fé Apostólica*. O nome *Assembléia de Deus* é escolhido alguns anos depois e de uma maneira informal, conforme o relato de Manoel Maria Rodrigues, participante do grupo dissidente:

Estou perfeitamente lembrado da primeira vez que se tocou neste assunto. Tínhamos saído de um culto na Vila Coroa. Estávamos na parada do bonde, na Bernal do Couto, canto com a Santa Casa de Misericórdia. O irmão Vingren perguntou que nome deveria se dar à igreja, explicando que na América do Norte usavam os termos Assembléia de Deus ou Igreja Pentecostal. Todos os presentes concordaram em que deveria ser “Assembléia de Deus” (Araújo, p.40)

O sistema de igrejas livres passa a organizar a Assembléia de Deus, que continua sobre a direção de Vingren durante a primeira década de existência. Os primeiros eventos continuam marcados pelas curas divinas e batismos com o Espírito Santo. A criação de novas congregações a princípio não obedece a um sistema burocrático, já que leigos acabam dando origem a novos trabalhos, como é o caso de Maria da Nazaré, que viajando para o Ceará, sua terra Natal, acaba formando um novo grupo de crentes em Fortaleza (Oliveira, 1997). A única qualificação de Nazaré é o fato de ser batizada com o Espírito Santo e se sentir impulsionada a pregar. Neste sentido, a burocracia não parece ter sido uma das características marcantes da nova igreja em suas primeiras décadas.

O processo de institucionalização da nova igreja atingiu um ponto marcante em 1930, quando a igreja já havia firmado estacas em diversos estados das regiões Norte e nordeste, principalmente pela ação dos leigos. Os pastores brasileiros cobram dos

missionários uma organização a nível nacional e organizam assim a Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil (CGADB), que realizaria sua primeira reunião em Natal, RN em 1930. Segundo Daniel (2007, p.19), o propósito de sua criação foi “*manter a identidade e a unidade doutrinária das Assembléias de Deus*”. A primeira assembléia geral acontece em Natal, RN, onde fica decidido que os pastores brasileiros ficariam responsáveis pelas igrejas do norte e nordeste, enquanto os missionários estrangeiros se responsabilizariam por novas igrejas a serem abertas no sul e sudeste brasileiros. Nesta Convenção, a liderança brasileira procurou estabelecer princípios que regessem a administração da igreja. O presidente da 1ª Convenção foi o pastor paraibano Cícero Canuto de Lima, Vingren presidiria apenas a Convenção de 1931, já que o poder carismático de Vingren foi se perdendo em meio à institucionalização da igreja

Vingren é decantado agora, mas foi voto vencido em diversas questões discutidas na AD de sua época. Doente de malária desde o primeiro ano de sua chegada, não viu seu projeto de igreja se realizar. Depois de vinte e dois anos no Brasil, retorna para Suécia em 1932 e falece no ano seguinte. Se na Suécia a Igreja Estatal Luterana lhe traria dificuldade de exercício ministerial, aqui no Brasil a igreja que ele fundou fez o mesmo. Ele era formado em teologia, algo que nenhum outro missionário sueco ou pastor brasileiro era naquela época. Todos eram contra esta fábrica de pastores. Por influência de sua formação batista, era a favor do que na época se chamava de igreja livre, em oposição à Igreja Estatal Luterana. Também era contra a existência de uma Convenção Nacional. Mesmo assim, a convenção aconteceu em 1930. (Alencar, 2006).

A Assembléia de Deus de 1930 já estava organizada em um corpo sacerdotal burocratizado, preocupado em zelar pela “verdadeira mensagem pentecostal”. E foi assim que este corpo sacerdotal institucionalizado viu surgir a primeira dissidência interna. Em 1933 em Mossoró (RN), foi criada a Igreja Assembléia de Cristo por Manoel Hygino de Souza, que havia sido segundo-secretário da Convenção de Natal (Araújo, p.29-31). Além de Souza, outros personagens foram excluídos em 1933, conforme publicado no Mensageiro da Paz, jornal oficial da igreja:

A Convenção das Assembléias de Deus, reunida no Rio de Janeiro, faz a presente declaração desautorizando o uso do nome das Assembléias de Deus que, indevidamente, é usado pelas seguintes pessoas: José Adelino Albuquerque, Francisco Alves Carneiro e José Marcelino da Costa que, aqui no Distrito Federal, dizem pertencer às mesmas, o que não é exato, pois todos sabem que eles, desde há muito tempo, estão excluídos das Assembléias de Deus, uns por heresia, outros por desonestidade. Esta declaração é extensiva a todos os grupos rebeldes, que, seja onde for, se achem na mesma condição. Pela Convenção, o presidente: Samuel Nystöm. O secretário: Emílio Conde (apud Daniel, 2004, p. 79)

Assim, o ano de 1930 apresenta um momento importante na institucionalização da Assembléia de Deus, que nesta época já é uma organização de nível nacional com um corpo administrativo racionalmente organizado e em condições de estabelecer limites entre ortodoxia e heresia.

Conclusão

A igreja Assembléia de Deus no Brasil é a maior denominação evangélica do país, estando presente na maioria das cidades brasileiras. Foi fundada em 1911 por dois missionários suecos vindos dos Estados Unidos com destino à Belém do Pará.

A princípio, Daniel Berg e Gunnar Vingren não tinham o objetivo de criar uma nova denominação no Brasil, senão o de trazer a mensagem pentecostal para o país com a cooperação da Igreja Batista da qual passam a fazer parte quando chegam ao norte do país.

A Igreja Batista de Belém do Pará passava por uma instabilidade na liderança, já que diversos pastores passaram pela igreja em um curto espaço de tempo. É neste contexto que Berg e Vingren começam a pregar as doutrinas do batismo com o Espírito Santo e da cura divina, pontos fundamentais da doutrina pentecostal.

A mensagem causa grande repercussão na igreja, principalmente depois dos relatos de cura e do fenômeno do batismo com o Espírito Santo com a manifestação da glossolalia por duas mulheres da igreja. O conflito inicia-se por pressão de Raimundo Nobre, evangelista da igreja que lidera o movimento de exclusão dos adeptos do movimento pentecostal no interior da igreja.

Assim, a Primeira Igreja Batista do Pará foi palco de um campo de luta onde o *corpo sacerdotal*, representado por Raimundo Nobre, entra em conflito com os *profetas* Vingren e Berg pelo poder religioso sobre a comunidade leiga, que já havia legitimado a ação dos missionários.

Com a exclusão do grupo pentecostal, a comunidade de Vingren e de Berg passa a se organizar em um sistema de governo tradicional com elementos batistas e pentecostais e vê o crescimento acontecer por diversos estados da federação.

Em 1930 acontece a criação da Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil, quando a igreja abraça um sistema burocrático de governo, afastando-se do carisma que marcou seus primeiros anos.

Assim, a cisão no Interior da Primeira Igreja Batista do Pará aponta para a dinâmica das relações de poder do campo religioso. Relações que estiveram presentes também na Assembléia de Deus após a sua organização institucional, através do processo de rotinização do carisma.

Bibliografia

ALENCAR, Gedeon Freire. *Construção, desconstrução e reconstrução de heróis missionários: um estudo de caso sobre Daniel Berg e Gunnar Vingren, missionários fundadores da Assembléia de Deus no Brasil*. Anais do XI Congresso da ALER - Mundos religiosos: identidades e convergências. Umesp: São Bernardo do Campo, 2006. CD-ROM

_____ *Todo poder aos pastores, todo trabalho ao povo e todo o louvor a Deus. Assembléia de Deus, 1911-1946: origem, implantação e militância*. Dissertação de mestrado em Ciências da Religião. São Bernardo do Campo, SP: Universidade Metodista de São Paulo, 2000.

ARAÚJO, Isael. *Dicionário do Movimento Pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2007

BERG, Daniel. *Enviado por Deus. Memórias de Daniel Berg*. 8 ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2000.

BERKHOF, Louis. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2003

CONDE, Emílio. *História das Assembléias de Deus no Brasil*. 6 ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.

DANIEL, Silas. *História da Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro, CPAD, 2004

d'AVILA, Edson. *Assembléia de Deus e a política: uma leitura a partir do Mensageiro da Paz*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião – Universidade Metodista de São Paulo: São Bernardo do Campo, 2006

FRESTON, Paul. *Breve história do pentecostalismo brasileiro* in ANTONIAZZI, Alberto. *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo 2000: População residente, por sexo e situação do domicílio, segundo a religião – Brasil in www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/populacao/religiao_censo2000.pdf. acesso em 10.09.2008

LEONARD, Émile-Guillaume. *O protestantismo brasileiro: estudo de eclesiologia e de história social*. 2 ed. Rio de Janeiro e São Paulo: JUERP/ASTE, 1981

NOSSA HISTÓRIA. Home-page da Primeira Igreja Batista do Pará. <http://www.pibpa.org.br/conteudo.php?idconteudo=41>, visitado em 08.07.2009

OLIVEIRA, Joanyr de. *As Assembléias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 1997

PETRUS, Lewi. *Lewi Petrus – Biografia*. Rio de Janeiro, CPAD:2004

RIVERA, Dario Paulo Barrera. *A sociologia compreensiva. Max Weber : a fundação de uma grande tradição*. In: PRAUN, Lucieneida. (Org.). *As Ciências Sociais e o estudo da Sociedade*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2009, v. , p. 71-82.

ROLIM, Francisco Cartaxo. *Pentecostais no Brasil: uma interpretação sócio-religiosa*. Rio de Janeiro: Vozes, 1979

VINGREN, Ivar. *O diário do pioneiro: Gunnar Vingren*. 13 ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2007

WEBER, Max. *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*. São Paulo: Cia das letras, 2004(a)

_____. *Economia e Sociedade – Vol. 2*. São Paulo: UnB/ Imprensa Oficial, 2004(b)

ⁱ Expressão usada por Weber para se referir ao Cristianismo, Islamismo e Judaísmo, religiões que orientam suas práticas por um livro sagrado.

ⁱⁱ Dados do Censo 2000

ⁱⁱⁱ Considera-se como data de fundação da Assembléia de Deus no Brasil, 18/06/1911, quando os dois missionários suecos, Daniel Berg e Gunnar Vingren rompem com a Igreja Batista de Belém do Pará. Em 1910, Luigi Francescon dera início à Congregação Cristã do Brasil no sudeste do país

^{iv} Segundo sua biografia, Daniel Berg conheceu a doutrina pentecostal em uma de suas viagens à Suécia, quando Lewi Petrus, seu amigo de infância lhe apresentou a doutrina do Batismo com o Espírito Santo. No entanto, Berg apenas teve esta experiência nos EUA. (Berg, 2000),

^v De acordo com o site oficial da Primeira Igreja Batista do Pará <http://www.pibpa.org.br/conteudo.php?idconteudo=41>, visitado em 08.07.2009

^{vi} Na realidade Raimundo Nobre, evangelista da igreja, já que a congregação estava sem pastor nesta época e o moderador era o diácono José Plácido da Costa, que também aderira o movimento pentecostal (Conde, 2000, p. 30). Berg não informa a data do episódio.

^{vii} Quando se refere ao evangelista, Vingren está falando de Raimundo Nobre que convocou a reunião. O pastor citado é, na realidade o moderador José Plácido da Costa, provisoriamente responsável pela igreja (Conde, *idem*)

^{viii} Emilio Conde foi o primeiro a escrever a história oficial da Assembléia de Deus no Brasil.

^{ix} Em setembro de 1911, a Primeira Igreja Batista de Belém, declarou-se como não mais responsável pela congregação de Cidade Velha (Araujo, *op cit.*)

^x A Igreja Batista Filadélfia de Estocolmo, pastoreada por Petrus, foi excluída da Sociedade Batista Sueca em 1913 transformando-se em Igreja Filadélfia, de orientação pentecostal (Petrus, 2004, p. 124-127)

^{xi} Oliveira (1997), por exemplo, apresenta Erik Nilsson como um dos participantes da reunião de exclusão dos pentecostais, o que não está de acordo com os relatos de Conde, Vingren e Almeida.

^{xii} Alencar (2006) afirma que a dificuldade de Berg teve dificuldades com o idioma português até o fim de sua vida

^{xiii} A maioria dos historiadores assembleianos se refere à Celina Albuquerque como a primeira pessoa a ser batizada com o Espírito santo no Brasil, se esquecendo que em 1910 Luig Francescon (fundador da Congregação Cristã no Brasil) já atuava no sudeste do país.